ANO II — Lisboa — Quinta-feira, 18 de Abril de 1918 — N.º 345

pola:ter:e pola:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e Typographia
R. de S. Paulo, 20

Impressão - Rua da Atalaia, 134

Editor - João N. Santos

Telefone C. 1035

OS INTEGRALISTAS NOS CAMPOS DE BATALHA

Capitão Anibal Gonçalves de Azevedo, promovido por distinção e condecorado com a medalha de 2.ª classe da Cruz de Guerra pela fórma como auxiliou eficazmente o seu comandante na preparação dum «raid», fornecendo informações completas com respeito ao inimigo, sendo o primeiro a entrar nas trincheiras do mesmo inimigo, impulsionando, pela sua acção, todo o assalto, avançando sem hesitar até á 2.ª linha e fazendo frente aos que pretenderam contra-atacar e repelindo-os — no que revelou grandes qualidades de comando, inteligencia e bravura.

«Art. 3.º — Que seja louvado o alferes de infantaria 22, Luís de Portugal da Fonseca e Melo, pelo cuidado que mostrou pelo serviço ao tomar conta do sector que pela primeira vez ia ocupar e sobretudo porque sendo gravemente ferido por ocasião de um grande bombardeamento de morteiros feito pelo inimigo, bem como a sua ordenança, cuidou imediatamente dos socorros a prestar a esta, desprezando os seus, praticando assim um acto de abnegação.»

«Louvo o alferes miliciano do 2.º grupo de bateria de artilharias, José Augusto Brandão Pereira de Melo, pela coragem e sangue frio que mostrou no dia 1 do corrente, não hesitando em se dirigir á 4.ª secção da sua bateria quando esta, e os caminhos que para lá conduziam, estavam a ser bombardeados, a fim de fazer continuar o seu fogo, que tinha parado devido a baixas nas guarnições e avarias no material; pela dedicação pelo serviço e valor que mostrou, não abandonando o seu posto até final do combate, apesar de ferido e fortemente atacado pelos gazes.»

O Integralismo no parlamento

Ha por aí quem estranhe, quer na imprensa quer em conversas, que os integralistas apesar do seu anti-parlamentarismo, persistem em apresentar candidatos seus, nas proximas eleições legislativas.

Não ha motivo para tais reparos, desde que se ponha a questão nos seus verdadeiros termos.

Em primeiro lugar, como já foi aqui acentuado ha dias, o Integralismo Lusitano não é um partido que apresente candidaturas parlamentares. E', sim, uma organisação, uma idéa em marcha, um corpo de doutrina em que a verdade monarquica se demonstra. Precisa assim de se difundir, de penetrar em todas as camadas sociais, para que se crie o estado de espirito necessario ás suas realizações. E' com esse intuito de propaganda que nós temos lançado mão da revista, do jornal, da conferencia, do folheto, do livro, da polemica doutrinaria, de todos os meios, emfim, que se nos offerecem para bom combate.

Em taes condições não devemos, quando a ocasião se nos proporciona, prescindir da nossa acção, numa assembléa politica, tanto mais quando ela se anuncia como constituinte, isto é, quando al se vão discutir e fixar os principios fundamentais da vida politica e social da Nação.

Como defensores de uma corrente filosofico-politica em que se contem as mais altas reivindicações deste seculo, ali temos o nosso lugar e a nossa missão. Não pretende, neste momento, o Integralismo fazer a revolução, ou melhor, a contra-revolução, nem ela seria eficaz e duradoura enquanto pela penetração da nossa propaganda não tivessemos assegurado o estado de espirito colectivo necessario para que a organisação que defendemos pudesse perdurar.

No entanto, a nossa acção doutrinaria pode, sem duvida, influir para que mesmo dentro da Republica se vão reconhecendo e adoptando, embora por uma forma parcelar e forçosamente incompleta, algumas das verdades fundamentaes do nosso credo. Ir-se-á assim organizando a Nação, ressurgindo pouco a pouco da cahotica barafunda em que a tem lançado, sobretudo, estes sete amargos anos de experiencia republicana.

No dia em que, mercê de um trabalho lento mas seguro, a Nação estiver organizada, a Monarquia resultará dessa organização como uma consequencia logica e inevitavel.

Vão versar-se, na proxima assembléa legislativa, assuntos da maxima importancia para a vida nacional.

A organização da familia e da propriedade, a revisão do direito publico e, consequentemente, da nossa vida administrativa, a natureza da representação, as relações do Estado com a Igreja — todos estes e outros problemas ainda, de vital interesse para a vida social da Nação, por certo terão de ser apreciados e discutidos numa camara que se propõe introduzir no nosso direito publico e constitucional as profundas modificações que as intenções governativas anunciam e que naturalmente vingarão mercê da maioria parlamentar que, ao que é de supôr, o governo alcançará.

Posto assim o problema politico, á nossa lê patriotica se impõe o dever de concorrer a essa assembléa em que, embora com sacrificio pessoal, devemos ir pugnar pelos nossos ideaes. Se conseguirmos, com a nossa acção doutrinaria, realizar alguma das nossas reivindicações, alguma coisa de util teremos feito. Começa a Nação a organizar-se, mesmo em regimen republicano? Ainda bem: — é a Monarquia que para nós caminha.

Esta tem de ser a nossa acção adentro do Parlamento, não como deputados integralistas, que não podemos com rigor chamar-nos, mas como defensores extremes da Verdade Monarquica.

Assim o entendeu e muito bem o ilustre Representante de El-Rei, oferecendo-nos representação na Comissão Eleitoral Monarquica.

Representaremos, pois, se á Camara forem alguns dos nossos amigos, uma modalidade de opinião, dentro da minoria monarquica, ao lado de todas as outras que, embora por diversos caminhos, avançam de coração aberto, na conquista de um Ideal comum.

O nosso anti-parlamentarismo não é como alguns supõem, ou fingem supôr, a negação do principio da representação.

Tradicionalistas, como somos, nós não podemos esquecer o que foram as Côrtes Geraes na nossa historia.

O que pretendemos apenas é substituir a representação meramente politica, pela representação profissional e regional.

No dia em que por esta forma se exercer a representação, já não ha deputados de partidos, porque a Nação estará organisada segundo os nossos principios, e o integralismo será um facto. Mas emquanto o Parlamento é uma assembléa politica, é dentro dêle que, como defensores de uma doutrina politica, devemos exercer a nossa acção, procurando modificar pela nossa propaganda a sua propria constituição.

Não importa isto uma transigencia de principios; representa apenas um meio de acção determinado pela ordem social existente, que temos de aceitar como um facto, a que apenas nos cumpre contrapôr a nossa propaganda.

Não é voltando as costas ao mal que ele se combate, é pelo contrario indo ao seu encontro que se pode obter a sua correcção.

Desejariamos que por diversa forma se exercesse o sufragio, que outra fosse a natureza da representação. Como assim não sucede, devemos como monarquicos submeter o nosso procedimento ás circunstancias politicas de momento, coordenando os nossos esforços com os de todos os monarquicos, a quem nos ligam os estreitos laços de uma finalidade comum.

E' assim que sujeitamos as nossas candidaturas á Comissão Eleitoral Monarquica, que entendeu dever assegurar a representação parlamentar a todas as modalidades de opinião que militam dentro da Causa.

E' a essa Comissão que cumpre, nas difíceis circunstancias desta hora, seleccionar quanto possivel as competencias, embora por vezes haja para isso de sobrepôr o interesse geral da Causa ás indicações locaes, a que, sem duvida, seria justissimo atender, em conjuntura menos grave do que a actual.

Quanto a nós é esta ainda uma forma de corrigir, na medida do possivel, os defeitos estructuraes da representação politica, seleccionando, dentro de cada corrente de opinião, aqueles que por quem de direito forem considerados os mais competentes.

Ficam assim respondidas as objecções de quem pensa ver na apresentação das candidaturas de alguns monarquicos integralistas, ou uma contradição com os proprios principios, ou uma divisão de forças dentro da minoria monarquica que tiver representação no proximo Parlamento.

Não ha aquela contradição, porque se não contradiz quem em qualquer campo afirma os seus principios; não existe esta divisão, porque os integralistas como monarquicos que são, ao lado dos monarquicos se encontram, na luta por um ideal que orienta e unifica a acção e a aspiração comum.

Xavier Cordeiro.

OS NETOS DOS "Chamorros"

Ressuscitaram, encarnados nos serranos que na Flandres hônram o nome de Portugal os valentes «chamorros» de Aljubarrota!

Corre por terra extranha sangue generoso de Portugueses! Estremece de Dôr o peito das mulheres de Portugal!

Mas, entre tanta Dôr e tanta desventura, como é consolador o vêr a heroicidade com que eles, desprezando a Morte que os espreita atenta, se batem e perecem com os olhos fitos no bom nome da Patria que se vai redimindo do Pecado no sangue dos seus filhos!

E' a alma de Portugal que se mostra em todo o seu esplendor de gloria e valentia. E' aquele espirito de antes quebrar que torcer que animou os soldados de Nun'Alvares, herdado, pelos seculos fóra, dos montanhezes de Viriato!

A guerra actual, transformada pelo progresso numa cousa hediondа onde o valor é quasi nada em frente á sciencia, nem por isso esmoreceu nos nossos aquela heroicidade que por vezes assombrou o mundo com os seus lampejos e que nos fez respeitados dos poderosos e queridos dos humildes!

Gloria a vós soldados de Portugal, seguro penhor de que não morrerá a Patria de Nun'Alvares, berço dos nossos Paes!

Gloria Áqueles que tombando no campo da honra, mostraram ao mundo inteiro que ainda ha Portugueses!...

Enchem as colunas com elogios ao valor dos portuguezes todos os jornais dos países aliados. Reconhecem que foi o esforço português que retardou um pouco a marcha do inimigo sobre Calais — a arma apontada ao coração da Inglaterra! — como outrora os soldados da pequena Belgica impediram a derrota completa da França, permitindo-lhe preparar as suas defesas com os seus corpos moribundos!...

E' sem duvida para agradecer o elogio que lá fóra é feito ao valor dos portugueses mas quanto mais consolador seria ouvir em vez de palavras que o vento leva a garantia segura de que o nosso esforço não será perdido para Portugal e de que não se esquecerão na conferencia da paz de mais uma vez ter em conta aquilo a que hoje rendem tantos e tão justiceiros encomios!...

Era isso que nós pretendiamos como bons portugueses que nos prezamos de ser! Era em face disso que nós poderiamos certificarmo-nos da sinceridade das suas palavras...

*

Acabamos agora de saber, com o coração pleno de jubilo, que as tropas da guarnição de Lisboa, sem qualquer excepção, se ofereceram em massa para ir substituir os seus irmãos que cahiram com honra no campo da batalha e se alimentassemos alguma duvida sobre o Futuro de Portugal, seria esta a ocasião de desvanecermos de todo o nosso pessimismo. E' um pleno e nobre desmentido áqueles que, com fins equivocos, lançaram um labeu de cobardes sobre as tropas de Portugal! E' a resposta da Mocidade Portugueza ao repto infamante de que foram alvo. Nem outra podia ser a desafronta dos netos dos «chamorros» d'Aljubarrota! Gloria a Eles que tão alto levantam o nome de Portugal! Gloria a Portugal que tão alto conserva as Virtudes dos seus Filhos!...

João Camilo Felix Correia

a Festa da Flôr e o Integralismo

O jornal democratico *Republica* vinha esta manhã todo ancho por via duma admiravel descoberta que um dos seus redactores havia feito. Tratava-se nada mais nada menos de um integralista que, começando a Festa da Flôr ao meio dia, fôra visto sair de casa entre as dez e as onze da manhã ostentando já na lapela a florsinha que as caridosas vendedeiras muito depois ofereciam a quem passava... E com um rigor de critica que o sr. de La Palisse invejaria, o orgão do assassino de Newala opinava que a florsinha do integralista era a mesma do ano passado...

Se ao idiota que escrevinhou a noticia se fôr exigir o nome do tal integralista, claro está que o plumitivo se ficará em copas, como de resto já o ridiculo martyr sr. Carvalho Araujo em copas se ficará quando aqui o emprazemos a que dissesse qual o nome do nosso camarada que lhe fôra oferecer a liberdade. No orgão democratico *Republica* mentir é uso e abuso: falar verdade é ridicula frioleira.

E tanto assim é que, no mesmo sustentaculo do afonsismo se passa uma esponja por cima do ignobil procedeer do sr. Theofilo — que se recusou, sordida e avaramente a dar cinco reis para a Festa da Flor — vindo em troca apresentar a mentirola ridicula do integralista que já trazia ao seir de casa a flor do ano passado... Mentirola é claro porque, quem tem as mãos encharcadas de sangue dos nossos soldados, que credito póde merecer nas suas palavras, a não ser quando no proposito de mentir, mas fugindo-lhe a boca para a verdade, confessa que foi *entre as dez e as onze* que viu o caso referido?

As bebedeiras de sangue são sempre as peores e a tal respeito fala de cadeira o sr. Antonio Zé!...

Uma reparação

Ontem, no suelto «*A' boa paz*» a revisão deixou passar um erro inconcebivel. Falava-se da *Juventude*, semanario brilhante que se publica em Portalegre. Dissera-se esse nosso colega independente em politica. Nós contestámos, escrevendo que em semelhante idade ninguem é independente. Pois imaginem o que apareceu impresso? «Que ninguem *«nessa cidade é independente»*. Antes que Portalegre se considere ofendida, já daqui solicitamente a desagravamos. Cidade com admiraveis tradições de trabalho, nunca por fórma alguma seria molestada por nós. Seria talvez partida da *Juventude?* Se fôsse, não seria melhor pregada!

A venda da flôr de ontem

Comovente e graciosa a venda da flôr de ontem, a favôr dos nossos soldados doentes que regressarem do *front*, depois de combates rudes donde, humildes e anonimos que foram, cobertos de gloria voltarão.

Lisbôa em peso, desde o mais modesto ao mais abastado, acolheu, sorrindo, a venda da flôr e comovidamente lançou nos cabazinhos das gentis vendedeiras o dinheiro de que dispunha, não como uma esmola, mas como uma homenagem sentida e quente pelos nossos irmãos que foram, Portugal em fóra, defender a honra da nossa linda Casa, á beira-mar.

A sr.ª D. Genoveva de Lima, espirito altissimo de Mulher, foi quem teve a iniciativa desta bela homenagem aos nossos soldados.

Deve sentir-se hoje orgulhosa esta senhora, pelo dia de ontem, pela aceitação comovida e unanime com que foi recebida, e pela coadjuvação expontanea de muitas centenas de senhoras que puzeram em prática a sua idéia, nascida certamente ao calôr brando do seu coração de mulher portuguêsa.

Lisbôa acordou ontem com os risos cantantes do sol e com a graça primaveril das verdadeiras gentis, que por estas ruas e avenidas de Lisbôa, iam e vinham, espalhando flôres e colhendo oiro.

O espirito de Isabel, rainha e santa, aladamente passou por sobre nós, aladamente bateu á porta de todas as almas...

Foi Izabel que com suas mãos piedosas compoz o gesto daquelas mãos de ontem que floresceram oiro...

Foi ela que nesta primavera de sol e flôres, veiu acender com o seu Espirito, uma outra primavera, mais linda ainda, mais cheia de sol, — a primavera das nossas almas.

Mas Santa Isabel, no seu regaço transformou o pão da boca em flores da terra. Foi um milagre que encheu de espanto o mundo inteiro e abalou os espiritos cheios de duvidas. E não foi um milagre tambem, aquele de ontem, quando as vendedeiras gentis, com o seu sorriso onde havia um pouco de Portugal e um pouco do nosso ceu, transformaram flores em pão e oiro?

Cheia de graça comovida e quente foi a venda da flor de ontem. Todos, pobres e ricos, contribuiram com o seu dinheiro para a venda da flor, não a titulo de esmola, mas de homenagem, porque os nossos soldados que se batem no «front» são herois e não mendigos.

Conta-se de um coguinho, vendedor de cautelas, que deu um tostão em troca de uma flor; dos alunos da Casa Pia que dispensaram a sobremesa de Domingo, oferecendo a sua importancia (10 mil reis) ás senhoras que ali foram.

Os resultados obtidos foram excelentes, tendo-se apurado até agora, mais de vinte contos.

Damos a seguir uma lista dos principaes donativos:

Banco de Portugal, 1:000$000 réis; Banco Ultramarino, 1:000$000 réis; Banco Comercial, 100$000 réis; Banco Economia, 50$000 réis; Fonseca Santos & Viana, 1$500 réis; Antonio dos Santos Jorge, 500$000 réis; Companhia Mercantil, 100$000 réis; Club Tauromaquico, 100$000 réis; Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, 100$000 réis; Companhia do Gaz e Electricidade, 100$000 réis; Companhia dos Fosforos 100$000 réis; Grandes Armazens do Chiado, 100$000 réis; Bensaude & C.ª, 200$000 réis; Sociedade Torlades, 500$000 réis; Sociedade Portugueza de Seguros, 250$000 réis; Gremio Literario, 50$000 réis; Companhia de Seguros Comercio e Industria, 100$000 réis; Tota & C.ª, 50$000 réis; José Augusto Dias, 100$000 réis; Duque de Palmela, 100$000 réis; Manuel Caetano Alves 100$000 réis.

A Imprensa tambem contribuiu com donativos para a venda da flôr:

O *Diario Nacional*, 20$000 réis: a *Capital*, 5$000 réis; a *Situação*, 5$000 réis; a *Monarquia*, 5$600 réis.

O sr. José da Silva Graça pagou a sua flôr com 100$000 réis.

O sr. presidente da Republica além de varios donativos, contribuiu com 150$000 réis dara a venda da flôr.

Despedida

A cumprimentar-nos e a apresentar as suas despedidas esteve nesta redação o nosso amigo sr. Matheus da Conceição Ferreira, que parte para Lourenço Marques.

Desejamos-lhe feliz viagem.

Intervencionismo

O *estado de guerra* é aquele que mais se presta a uma larga interferencia do Estado nas varias manifestações da actividade particular. As necessidades da *defeza nacional* armam-no de poderes discrecionarios, muito superiores aos que já possue normalmente, de modo que, em nome das necessidades de defeza, *ele* lança a sua garra sobre mil e uma coisas.

A qualquer espirito se apresenta hoje a seguinte pergunta: o exagerado intervencionismo do Estado continuará a acentuar-se, continuará a manter-se ou virá a desaparecer nova vez que a paz venha repôr as cousas no seu logar? Uns pensam dum modo, outros pensam diferentemente. Por nossa parte lembramo-nos de ter aqui expresso, em 20 de dezembro de 1917, a seguinte opinião: «*assistimos hoje a um fenomeno anormal, motivado pelo anormal estado em que o mundo se encontra. E' certo que a intereenção do Estado tem sido benefica em muitos casos, mas em quantos tambem tem ela sido tirânica, injusta e deletéria*».

Muito recentemente discutiu-se na *Société d'Economie Politique* em Paris, o problema do *intervencionismo*. Conquanto na douta assembleia predominasse uma corrente geral condenadora de tal *intervencionismo*, é contudo para notar que ouve lá quem defendesse tal acção do Estado, reputando-a até indis ensavel para assegurar, durante a guerra pelo menos, uma regular vida economica ao paiz.

Podemos encarar o problema de dois modos diversos — considerando o *intervencionismo* em tempo de guerra, ou considerando a intervenção do Estado na actividade economica dos particulares, em tempo de paz.

Será vantajosa para o paiz a larguissima interferencia do Estado na sua vida economica, durante o tempo de guerra? Alegam os que defendem esta interferencia estadual que só pela acção do Estado se pode assegurar uma equitativa repartição dos objectos necessarios á vida dos povos. Encarando um dos mais importantes pontos do problema — as *subsistencias* —, afirmam ainda que, sem a intervenção do Estado na distribuição dos generos, os ricos se apoderariam facilmente de quantidades taes que os pobres se veriam condenados á mais extrema das miserias. E dizem mais que, sem a energica intervenção do governo na sua vida economica, a Alemanha não teria conseguido manter-se em guerra durante tanto tempo. Como se os ricos podessem comer mais do que a sua barriga comporta!

Pela sua parte os adversarios do *intervencionismo* atacam-no com poderosos argumentos, não inferiores aos que produzem os seus defensores, e devemos concordar que algumas das suas observações, absolutamente verificadas na pratica, são esmagadoras.

Vejamos.

Desencadeada a guerra a *producção* diminue e o *consumo* aumenta porque se desperdiça muito mais. Diminue a *producção* porque são retirados do trabalho immensos braços (para o exercito e industrias de guerra) e o *consumo* aumenta, não só porque o Estado é o primeiro a desperdiçar sem conta nem medida, mas tambem porque se fazem fortunas vertiginosamente, chegando muita gente a perder quasi a noção do valor do dinheiro. As consequencias do aumento do *consumo* e do decrescimento da *producção* é um vertiginoso *aumento dos preços*: duas fortes causas concorrem para o mesmo fim.

A subida dos preços equivale a um *aumento do custo da vida*. Mas simultaneamente os lucros dos comerciantes aumentam, crescem os rendimentos dos capitalistas, sobem os salarios dos operarios. Os unicos que na realidade vêem agravar-se insupportavelmente a sua situação são os pequenos proprietarios, os reformados e os funcionarios, porque estes não vêem aumentar os seus recursos.

O Estado, assistindo ao continuo aumento do custo da vida (compensado em grande parte pelo aumento dos recursos), surge em determinada altura, adotando medidas ferreas, procurando impedir a todo o custo a continuação do aumento dos preços. Fixa estes (arbitrariamente, por vezes), nas suas tabelas, impõe fiscalisações vexatorias, de tal modo que os produtores se vêem obrigados a vender por um preço ficticio e não determinado pelo mercado livre, preço que chega a ser inferior ao do custo da producção. O resultado é que a cultura dos generos de primeira necessidade, que são aqueles que teem preço de tabela — é abandonada para o agricultor ou industrial se dedicar á exploração daquilo que lhe dá mais lucros e menos incomodos. Assim, quando a França fixou o preço do trigo em 32 francos, a producção diminuiu assustadoramente, não só porque no estrangeiro o trigo se vendia muito mais caro, mas porque, até mesmo na França, a cevada se vendia a quarenta e tantos francos. E' claro que o agricultor lucrava muito mais cultivando cevada e... foi o que ele fez. A area semeada de trigo em 1917 foi apenas metade da cultivada em 1915. O que sucedeu com o trigo

Dr. José Pequito Rebelo

O sr. ministro da Agricultura mandou adquirir 200 exemplares dos *Novos metodos de cultura*, do nosso querido amigo e camarada dr. José Pequito Rebelo, para serem distribuidos pelas escolas e sindicatos agricolas.

E' com justo desvanecimento que nos apressamos a dar noticia deste acto, que muito honra o sr. ministro da agricultura.

D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich

Hoje que esta ilustre senhora, esposa do nosso querido amigo, sr. dr. Rui Ulrich, se regozija com o triunfo admiravel da sua iniciativa, *A Monarquia* tem a honra muito distinta de saudar a promotora da venda da flôr e de aplaudir a sua alta benemerencia a favor dos nossos soldados doentes.

Alferes Godinho Tavares

Já completamente restabelecido da grave enfermidade que o acometeu, partiu para o Norte em gozo de licença este nosso querido amigo. Godinho Tavares foi um dos bravos de 5 de dezembro e tão depressa se veja restituido ao seu antigo vigor, partirá imediatamente para França, conforme requerimento feito ao Ministerio da Guerra. Abraçamos Godinho Tavares, agradecendo-lhe a visita que nos fez de despedida.

Dr. Carvalho Lucas

Visitou-nos este nosso antigo condiscipulo e velho amigo, advogado muito distincto em Coimbra. A causa monarquica deve a Antonio Carvalho Lucas notaveis serviços e a nós não nos é de modo nenhum indiferente o aplauso que o *Integralismo* lhe merece sabidos, a rijesa e a sinceridade das suas convicções.

Anibal d'Azevedo

Penhorados e comovidissimos agradecemos por nós e pelo nosso querido amigo capitão Anibal d'Azevedo, ao *Liberal* as palavras amaveis que lhe dirige e a transcrição da ordem do dia com que no campo da batalha foi louvado pelo seu heroico feito.

Tambem hoje o *Seculo* estampa na sua primeira pagina o retrato do bravo militar, orgulho do Integralismo Lusitano, acompanhado da citação honrosa, o que muito nos sensibisa e reconhecidamente agradecemos.

«Ecos da Beira»

Mão anchima e amiga envia-nos pelo correio o ultimo numero dos «Ecos da Beira», de Gouveia, gazeta evolucionista, onde de vez em quando se atiram certas *amabilidades* ao sr. Afonso Costa, que são tremendas...

Pois esta gazeta evolucionista, que ainda não apresentou as credenciais ao sr. Afonso Costa, dedicam duas meias colunas ao integralismo, que não é o que defendemos, mas um integralismo imaginado pelos espiritos alegres dos repazinhos que por lá se estreiam literariamente, com grande gaudio para as respectivas familias, que como todas as familias gostam de ter em casa a sua gloria familiar. Mas quem escreveu nos *Ecos da Beira* é um despeitado com certeza, alguem que não apanhou a tempo algum empregozinho facil, pois que julga ver em nós os seus concorrentes felizes para infelicidade dele.

Descance o articulista dos *Ecos da Beira* que nós não lhe tomaremos o lugarsinho que parece apetecer. Quando o sr. dr. Sidonio Paes nos oferecer qualquer emprego havemos de escolher o de ministro de instrução para o mandarmos frequentar a escola, para o que já entrou na idade.